

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

Ana Beatriz Rodrigues do Lago de Moraes

Fisioterapeuta – Professora de Ed. Física, Diretora do Centro de Dança e Estudo do Deficiente Auditivo – CDEDA-RJ, Coordenadora do Projeto de Dança do Instituto Helena Antipoff – Secretária Municipal de Educação, Pós-graduada em Socialização do deficiente marginalizado
Especialista em Educação Especial

INES

ESPAÇO

DEZ/00

69

A descoberta pela dança



Apresentação de dança de alunos surdos do Projeto de Dança do Instituto Helena Antipoff

Descobrir que posso, quem sou...

Descobrirem que podemos, quem somos...

Cada era que compreende a importância do corpo humano ou que, pelo menos teve a noção sensorial de sua estrutura, de seus requisitos, de suas limitações e da combinação da generalidade e sensibilidade que nos é inerente, cultivou, venerou a Dança

(Paul Valery)

1º Movimento Introdução

É difícil determinar quando e como o homem dançou pela primeira vez. Há quem identifique nos desenhos das cavernas produzidas pelo homem pré-histórico, figuras indicando rituais de dança. Como tudo que era gravado nas cavernas era significativo para o homem, podemos inferir que a dança já fazia parte do cotidiano desses grupos.

A dança está intimamente ligada à vida do ser humano como, por exemplo, os índios conservam suas tradições através de uma seqüência de movimentos que representa uma verdadeira coreografia. Eles, através da dança, expressam seus sentimentos de alegria, tristeza, medo, pedindo ou agradecendo, tal como deveriam fazer as tribos européias nos primórdios da civilização ocidental.

A dança, hoje, também pode

ser uma forma de expressão dos sentimentos, desejos, sonhos, protestos e alerta dos portadores de necessidades educativas especiais.

Os portadores de deficiência física, sensorial e mental podem encontrar na dança um meio de comunicação e a forma de contar sua história e principalmente desenvolver suas capacidades e potencialidades.

“Dançar é extravasar todo seu interior transformando

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/00

70

*seus movimentos corporais em arte, numa tentativa de reproduzir a natureza como uma forma de expressão”
Klauss Vianna*

2º Movimento Dança e surdez

A dança sempre esteve presente na história do homem devido à necessidade de se expressar como ser de comunicação que é.

Diante disso podemos afirmar que a dança é importante na vida do portador de necessidades educacionais especiais, pois ela serve como meio de informação, de esclarecimento das potencialidades deste indivíduos, além de desenvolver a autoconfiança e o aumento de sua auto-estima. Com este objetivo o trabalho de dança desenvolvido com alunos surdos foi iniciado em 1987 no Centro de Dança e Estudo do Deficiente

Alunas do Centro de Dança e Estudo do Deficiente Auditivo – RJ



3º Movimento O ensino da dança

Auditivo¹, sendo mais tarde (1983) adotado no Centro de Referência em Educação Especial Helena Antipoff, órgão da Secretaria Municipal de Educação.

O ensino deve ser sistemático e seguir etapas que levem à percepção auditiva partindo das atividades mais fáceis até as mais complexas.

Primeiramente o aluno aprende a perceber os sons, depois descobrirá que esses sons podem ser diferentes, decodificando-os, construindo assim seu limiar diferencial.

Na audição passiva encontra-se o primeiro contato onde a criança tem a descoberta dos sons. Estes são oferecidos numa fase inicial a crianças bem pequenas.

É através da etapa de som e silêncio que começa o desenvolvimento da função auditiva. O objetivo é levar a criança a reconhecer e a discriminar a presença e/ou ausência do som. As atividades e os jogos têm como objetivo a demonstração, através do corpo, do que está sendo ouvido. Quando o indivíduo já percebe a temporalidade de som e silêncio, tem início o trabalho dos parâmetros de som, ou seja, que tipo de som está sendo captado: duração, intensidade e frequência.

¹ A adaptação do Método Perdoncini ao ensino da dança foi feita pela Fonoaudióloga Mônica Campello e pela Prof. Ana Beatriz Lago e levou os alunos com qualquer tipo de perda auditiva, incluindo aqui, a surdez profunda, a perceberem auditivamente a música, através do trabalho consciente da estimulação de seus resíduos. Esse trabalho é desenvolvido pelos profissionais acima, desde 1987.

A duração é fundamental, pois se relaciona com a fala, com a melodia da fala. A criança aprende a ouvir os sons longos e breves. Quanto aos longos referem-se à sílaba tônica das palavras e os breves, às sílabas átonas. Na intensidade, o aluno irá perceber quando os sons são fortes e fracos. Esta discriminação parte de instrumentos musicais, da música, da voz e da fala, levando a uma oralização com entonação correta. Quanto à frequência, os sons trabalhados deverão ser primeiramente bem distintos, ou seja, com frequências bem diferentes utilizando instrumentos como o tambor (grave) e o chocalho (agudo). Da mesma forma a discriminação da voz deve iniciar com vogais bem distintas como, por exemplo, |u, i| mais agudos e o |o e e| mais graves.

O trabalho auditivo deverá preparar a criança para melhor compreender a fala do outro e melhorar sua linguagem oral, melhorando sua voz e melodia.

A educação auditiva visa facilitar a aquisição da linguagem (compreensão e fala).

O que se pretende é que esta compreensão da linguagem e da fala sejam desenvolvidas de forma

“O que se pretende é que esta compreensão da linguagem e da fala sejam desenvolvidas de forma natural, transformando-as em situação de comunicação.”

natural, transformando-as em situação de comunicação.

4º Movimento A Educação Auditiva na música e na dança

A música é escolhida partindo-se da etapa auditiva que os alunos se encontram e também de acordo com o interesse e com a faixa etária do grupo. Depois da escolha, o trabalho é iniciado estudando-se as diferenças existentes na música.

O aprendizado vem através de seus resíduos auditivos fixados nas diferenças existentes na música. Estas diferenças surgem da presença e ausência da música (som/silêncio), das variações de intensidade, na presença e ausência da voz do cantor, em discriminação de melodia (voz), com a discriminação de instrumentos dentro da música (frequência) e na discriminação da letra da música.

Durante as aulas eles aprendem a técnica do balé clássico,

como base, assim como o sapatado; através de exercícios específicos, expressão e criatividade.

O ritmo, inicialmente é feito com a utilização de instrumentos de percussão.

Na aula os alunos demonstram, através do corpo, o que é percebido auditivamente, ou seja, o que foi desenvolvido na atividade anterior de educação auditiva, sem utilizar vibração sonora nem cópia de movimentos.

É fundamental que o profissional que desenvolve esta técnica tenha bem claro que sua proposta leva alunos a expressarem-se corporalmente, bem como ao auto-conhecimento.

O professor não deve ser o modelo perfeito que os alunos devem copiar e sim deverá ser aquele que estimula, sugere ações corporais que desenvolvam, principalmente, a criatividade. O aluno necessita compreender a música, a letra, para uma identificação própria, deixando assim fluir os seus sentimentos.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/00

72

“Se a dança é um modo de existir, cada um de nós possui a sua dança e seu movimento original, singular e diferenciado e é a partir daí que essa dança e esse movimento evoluem para uma forma de expressão em que a busca da individualidade possa ser entendida pela coletividade humana”.

Klaus Vianna

Coreografia

Criar não é chegar com uma música qualquer e começar um... dois... três... quatro. O professor-coreógrafo necessita estudar e sentir a música para definir os seus objetivos. Ele trabalha junto ao aluno surdo. Estimula a compreensão da música como um todo, sua letra e assim constroem juntos os movimentos.

Os elementos deverão estar de acordo com a faixa etária dos alunos e estes deverão executar os movimentos sozinhos, não necessitando copiar o professor durante as apresentações.

A música e o canto

Através da música é desenvolvida a linguagem, a compreensão e a produção do texto, partindo-se da letra e construindo-se novas letras. Todas essas atividades devem gerar prazer.

“Esta família é composta de indivíduos de uma sociedade desinformada, subinformada e excludente. Diante disto, a família é desinformada e desacredita nas possibilidades deste indivíduo.”

5º Movimento A família

“À medida que vão aparecendo os sucessos da educação e da integração, os pais constataam a eficiência da criança e darão menos importância à sua deficiência”.

Perdoncini, G. e Couto A.

A família é o ponto de grande importância no trabalho desenvolvido com o portador de necessidades educacionais especiais.

Essa família é composta de indivíduos de uma sociedade desinformada, subinformada e excludente. Diante disto, a família é desinformada e desacredita nas possibilidades desse indivíduo. O profissional precisa fazer um investimento bastante intenso com a família, pois é importante que a esta faça seu papel para o desenvolvimento do aluno.

Primeiramente, a família precisa conhecer o que é a surdez para entender; necessita conhecer a

metodologia e como é possível desenvolver a linguagem, a audição residual, como também descobrir a importância do uso do aparelho de amplificação auditiva individual (AASI).

Para construir este acreditar dentro da família, é necessário orientar a participação dos pais, através de variados recursos como:

- Reunião de pais:

Trabalhando um tema; utilizando textos, músicas e uma dinâmica.

- Encontro de pais:

Organizar um encontro de pais durante um final de semana, com palestras, debates, trabalho em grupo, troca de experiências.

- Participação de pais nas aulas:

É importante os pais verem o desempenho de seu filho, podendo vivenciar junto a ele o processo, participando ativamente da aula e, em outro momento, assistindo às aulas.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/00

73

- Atendimentos e conversas individuais:

São movimentos que o profissional tem com os pais, separadamente, para conversar e orientá-los especificamente sobre seu filho.

Esses recursos têm como objetivo mostrar as reais possibilidades de seu filho, para que possam, seguros de sua condição, acompanhar seu desenvolvimento com mais interesse, estimulando a criança em todas as situações, esquecendo pouco a pouco o impacto negativo causado pelo diagnóstico da surdez.

6º Movimento Atendendo às diferenças

Em 1999, o trabalho de dança no Instituto Helena Antipoff foi ampliado. Foi criada, além das duas turmas de alunos surdos,

uma nova turma composta por alunos com diversas deficiências e alunos não portadores de deficiência.

A turma é composta de dois alunos com Síndrome de Down; três alunos com visão subnormal, uma aluna surda e dois sem necessidades especiais, todos eles da rede municipal.

O objetivo desta turma é atender às necessidades de cada aluno com a participação de todo o grupo. Deste modo, na prática, a aula se inicia com o trabalho de percepção e discriminação auditiva da música, buscando a estimulação residual da aluna surda, com a participação de todos na discriminação das diferenças da melodia, como também do ritmo.

Desenvolve-se também a noção de espaço para que, assim, os alunos, com visão subnormal, possam se deslocar e dançar, utilizando o espaço de forma independente. Todos os alunos também participam se beneficiando deste trabalho. Sempre é sugerido trabalho em grupo para favorecer uma integração onde

“Esses recursos têm como objetivo mostrar as reais possibilidades de seu filho, para que possam, seguros de sua condição, acompanhar seu desenvolvimento com mais interesse, estimulando a criança em todas as situações, esquecendo pouco a pouco o impacto negativo causado pelo diagnóstico da surdez.”

todos possam conhecer e respeitar a individualidade e necessidade de cada um.

Incluir não é favor, mas troca. Quem sai ganhando nesta troca? Todos em igual medida. Conviver com as diferenças humanas é direito do pequeno cidadão, deficiente ou não, para juntos construir um país diferente.
[WERNECK, C. (1997)]

7º Movimento Resultados:

- Melhora da percepção auditiva
- Maior utilização da linguagem oral
- Melhora da qualidade de voz
- Aumento da auto-estima
- Aumento do uso da prótese auditiva
- Melhoria no desempenho pedagógico
- Aumento da divulgação no que se refere às informações e esclarecimentos sobre os portadores de necessidades educacionais especiais através de espetáculos, cursos, palestras... em diversos lugares.

8º Movimento Dançando para informar

A desinformação acentua ainda mais a cerimônia que tanto caracteriza a relação de

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/00

74

Prof. Ana Beatriz e alunas da turma iniciante do CDEDA (RJ)



indivíduos deficientes com não deficientes. A desinformação é o escuro. Pior que a desinformação só a subinformação.

Subinformação é a informação errada, pela metade, manipulada pela mídia, distorcida de boca em boca, antiga, paternalista, não-colaboradora da inclusão.

[WERNECK, C. (1997)]

A desinformação e a subinformação são pontos que contribuem em muito na formação de uma sociedade excludente, preconceituosa e partidária.

A mãe do medo é a incerteza e o pai do medo é o escuro. A incerteza não é apenas mãe do medo é a mãe da humanidade.

[WERNECK, C. (1997)]

É isso que a desinformação gera; distância e medo, que contribuem cada vez mais para se produzir uma sociedade excludente.

É preciso levar informações corretas, mostrando as capacidades reais do indivíduo para facilitar a abertura de novos caminhos na escola, na sociedade, no mercado de trabalho. Como pode um sujeito competir no mercado de trabalho, já tão restrito, se já carrega o estigma da incapacidade?

Informar para incluir. A arte

que é tão abrangente pode ser um meio de informação. Utilizar a arte para quebrar barreiras, informar, destruir a subinformação, mostrar competência, clarear, pode ser um caminho; caminho este que precisa de conscientização da família e de todos aqueles envolvidos na educação desses aprendizes surdos. A arte pode detonar reflexão, capaz até de romper com os paradigmas estabelecidos. Precisamos reivindicar, lutar, exigir do governo o cumprimento das leis, nos aproximarmos da mídia para informar e esclarecer, fazendo dela nossa parceira.

Orientar e incentivar as famílias para que sejam elas o ponto de partida, junto aos profissionais, a derrubar os muros ainda tão solidificados.

Nossa sociedade precisa ser mudada sim, o portador de necessidades especiais ainda é muito solitário, em um espaço

“É preciso levar informações corretas, mostrando as capacidades reais do indivíduo para facilitar a abertura de novos caminhos na escola, na sociedade, no mercado de trabalho.”

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/00

75

vazio de poucos movimentos, numa melodia lenta e fraca. Precisamos mudar e sonhar sempre, buscando uma sociedade inclusiva para todos, num ritmo conjunto, forte, sem espaços vazios.

Imagino a inclusão como o Bolero de Ravel, coreografado por Maurice Béjart, que começa lento com um bailarino solitário, com um movimento apenas de braços, onde, gradualmente, seus movi-

“Nossa sociedade precisa ser mudada sim, o portador de necessidades especiais ainda é muito solitário, em um espaço vazio de poucos movimentos, numa melodia lenta e fraca.”

mentos vão aumentando, movendo quadris e pernas, girando,

acompanhando o ritmo um pouco mais intenso e mais forte.

Trabalho de ritmo – Alunas do Projeto de Dança do Instituto Helena Antipoff – Secretaria Municipal de Educação



REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

DEZ/00

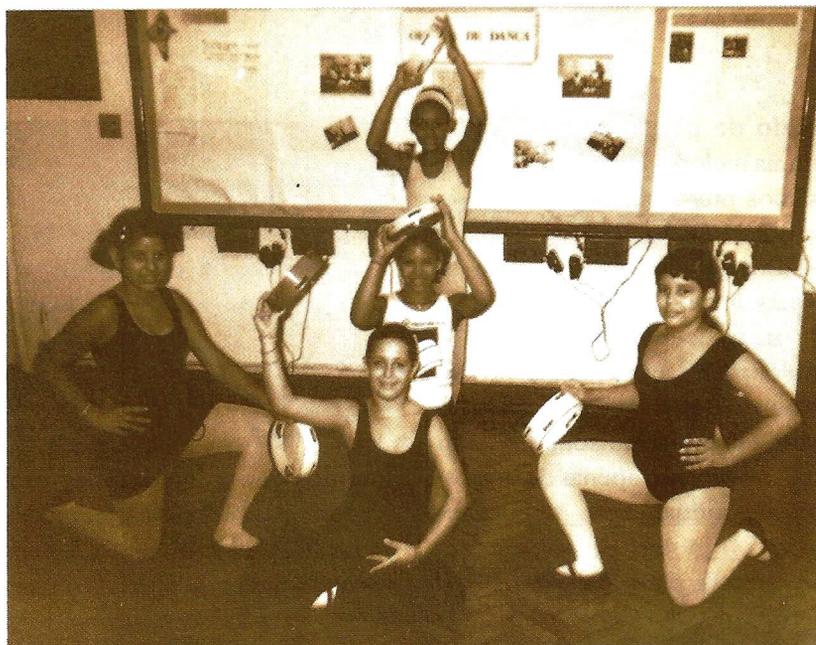
76

Pouco a pouco, seu espaço vazio é preenchido por um outro movimento e mais outro, acompanhado com sons ainda mais fortes, intensos. Aos poucos o espaço vai sendo todo preenchido, os movimentos definidos, fortes, densos, acompanhando o ritmo bastante intenso e crescente e todos juntos, no mesmo ritmo e vigor, cobrindo a gama completa de tons.

A grandiosidade do volume é de tal forma poderosa, que acaba por engolir a melodia na conclusão.

(Maurice Béjart)

Que assim seja a inclusão!!!



Alunas do Projeto de Dança do Instituto Helena Antipoff – Secretaria Municipal de Educação

Referências Bibliográficas

- COUTO, A. C. *Como compreender o deficiente auditivo*. Rio de Janeiro: Ed. Col. Rotary Clube do RJ, 1985.
- FARO, A. *Pequena história da dança*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1986.
- GOFREDO, V. L. F. *Integração ou segregação?* Em: O discurso e a prática das escolas públicas do município do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UERJ, 1991.
- MAZZON, S. *Psicomotricidade, reeducação e terapia dinâmica*. São Paulo: Ed. Manole, 1988.
- PERDONCINI, G. e C. A. *A audição é o futuro da criança surda*. Rio de Janeiro: AIPEDA, 1996.
- PERDONCINI, G. Yvon Y. *Comunicação infantil*. Alpea Couto Lenzi (trad.) 5ª ed., Rio de Janeiro, 1997.
- WERNECK, C. *Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- VIANNA, K. *A dança*. São Paulo: Ed. Saliciano, 1990.